



O tempo de “glória” de Carlos em 1989, para dar lugar à esta semana nas salas de terrorismo do final do século para se financiar e o saudita o Chacal chegou ao fim com a queda do Muro de Berlim, era de Osama bin Laden. “Carlos”, de Olivier Assayas, portuguesas, conta essa história, montando o “puzzle” do XX. O que une e distingue o venezuelano que matava que pagava para matar? Margarida Santos Lopes

O fim de Carlos foi o princípio de Bin Laden



Vladimir Ilich Ramirez Sanchez não gostou da forma como o realizador Olivier Assayas o retratou em “Carlos”. Nem mesmo o facto de o actor que lhe dá corpo, o também venezuelano Édgar Ramírez, ter adicionado à lendária capacidade de sedução do outrora “terrorista mais perigoso do mundo” a beleza física que este jamais teve.

Da prisão de alta segurança de Clairvaux onde cumpre uma pena perpétua pelo assassinio, em 1975, de dois agentes secretos franceses e de um informador (ainda irá responder em tribunal por outros crimes que causaram quase 100 mortos até ser capturado em 1994), Carlos “o Chacal” tentou influenciar o guião de 300 páginas do filme de Assayas

cos que não devem ser transvestidos deste modo.” Entre as imprecisões que Carlos denuncia, está a insinuação de que o sequestro de 11 ministros da OPEP, em Viena, em 1975 - a acção que mais lhe deu notoriedade - não foi ordenada pelo então Presidente do Iraque, Saddam Hussein, supostamente para obrigar os sauditas a aumentar o preço do petróleo e assim financiar uma campanha contra os curdos no Iraão -, mas pelo coronel líbio Muammar Khadafi.

Carlos também não gostou de ver os seus guerrilheiros exibidos como “tipos históricos de metralhadoras em riste a ameaçar pessoas”, porque “as coisas não aconteceram assim - eles eram profissionais, comandos de alta qualidade.” Outro erro inadmissível, em seu entender: “Desde 1969 que não fumo cigarros, só charutos [alguns deles, segundo um dos diálogos do filme, provenientes da ‘reserva pessoal de Fidel Castro’, em Cuba], e toda a gente sabe disso.”

Se Carlos pretendia poder de veto

Da prisão de alta segurança de Clairvaux onde cumpre uma pena perpétua pelo assassinio, em 1975, de dois agentes secretos franceses e de um informador (ainda irá responder em tribunal por outros crimes que causaram quase 100 mortos até ser capturado em 1994), Carlos “o Chacal” tentou influenciar o guião de 300 páginas do filme de Assayas

sobre a obra de Assayas (com a qual o actor Édgar Ramírez ganhou um César, prêmio da indústria francesa), não se sabe se o que mais o irritou foi essa recusa ou outra impossibilidade: a de partilhar receitas de bilheteira que a sua história irá, eventualmente, render. Esta é uma das exigências contida no processo que instaurou por intermédio da sua advogada e actual mulher, a francesa Isabelle Coutant-Peyre. “Sem Carlos, não havia filme”, justificou ela.

Quem é então esta figura que, desde os anos 1970, iludiu todos os serviços de espionagem até ser encontrado, em 1994, no Sudão, a recuperar de uma cirurgia aos testículos, enquanto se preparava para uma lipospiração, na mesma altura e no mesmo país onde Osama bin Laden já treinava milhares de jihadistas para desenvolver um terrorismo global?

Uma ideia, uma bala

Nascido em Caracas, em 12 de Outubro de 1949, filho de um influente advogado marxista e de uma católica devota, Ilich deve o nome ao pai, que quis desferir uma homenagem ao criador do Partido Comunista Soviético. Os dois irmãos mais novos de Carlos chamam-se, pelas mesmas razões, Vladimir e Lenine.

Criado num ambiente de fervor revolucionário na América do Sul, aos 10 anos, Ilich já fazia parte do movimento juvenil comunista na Venezuela. Aos 17, aprendia tácticas de sabotagem, manuseamento de armas e explosivos e métodos de guerrilha, num campo de treino próximo de Ha-

“A personalidade e imagem de Bin Laden foram forjadas no campo de batalha, primeiro contra os soviéticos e depois contra os EUA e a NATO, enquanto as de Carlos eram o produto de uma escolha ideológica” C. August “Gu” Martin, autor de “The Encyclopedia of Terrorism”

vana, sob a supervisão de “formadores” do KGB, a polícia política da URSS. Foi também em 1966 que os pais se divorciaram, ambos com objectivos diferentes para os filhos. A mãe levou-os para Londres, onde os inscreveu na Stafford House College, em Kensington, e na London School of Economics. Em 1968, o pai tentou levá-los para a Sorbonne, em Paris, mas a decisão final foi a de os transferir para a Universidade de Patrice Lumumba, em Moscovo, de onde Carlos seria expulso dois anos depois.

Interrompemos aqui o percurso de Ilich pós-Moscovo, para reproduzir uma das passagens do “drama-acção-biopic” de Assayas que melhor define a personagem encarnada por Édgar Ramírez - um actor que se exprime em cinco línguas (castelhano, inglês, francês, alemão e árabe) e que engor-

dou 13 quilos para uma maior parecença com Carlos, à medida que este se tornava mais alcoólico, mulhengo e ganancioso.

Namorada: “Por que não apareceste na manifestação contra Pinochet [que derrubou o governo socialista de Salvador Allende no Chile]?”

Ilich: “As manifestações não servem para nada. Há outros métodos. As palavras não nos levam a lado nenhum. Chegou a hora de agir.”

Namorada: “Que tipo de acção?”

Ilich: “Temos de nos comprometer.”

Namorada: “Com quê?”

Ilich: “Com a revolução!”

Namorada: “O que queres dizer? Acções clandestinas?”

Ilich: “Com a resistência. Formei um grupo.”

Namorada: “A luta contra o capitalismo pela via de guerrilha é romântica, mas está condenada ao fracasso. Não creio em combates desesperados. Não nos levam a lado nenhum. O equilíbrio de forças está contra nós.”

Ilich: “Isso é um mito.”

Namorada: “Não, é verdade! Olha para o Che [Guevara]. Acabou morto, apesar da sua experiência.”

Ilich: “Advogo uma luta internacionalista que una os revolucionários de todo o mundo. Olha como os vietcongs desgraçaram os gringos. Reduziram-nos a merda. Não digas que o equilíbrio de poderes está contra nós, porque não é verdade. A luta que proponho levar-nos-á à glória.”

Namorada: “A glória? É isso que queres? Ser admirado. Isso é arrogância

burguesa escondida por trás de retórica revolucionária. És apenas um pequeno burguês egoísta.”

Ilich: “Refiro-me a uma glória verdadeira, ao prazer de fazer o nosso dever em silêncio. Por trás de cada bala que disparamos, haverá uma ideia, porque agiremos em harmonia com a nossa consciência. Dizes que sou arrogante? Acho que sim. Sou porque defendo os inocentes. Vais ouvir falar muito de mim. E mais: já não me chamo Ilich. Chamo-me Carlos.”

De Moscovo, em 1970, Carlos seguiu para Beirute, onde se ofereceu como voluntário à Frente Popular para a Libertação da Palestina, dirigida por George Habashe, um médico cristão que, até à sua morte, em 2008, foi um dos maiores rivais de Yasser Arafat, o líder histórico da OLP, da qual a FPLP era a segunda maior facção, depois da Fatah. A FPLP enviou Carlos para um campo de treino de “fedayin” (combatentes) na Jordânia e depois para uma escola militar iraquiana na fronteira com a Síria.

No filme, salvaguardado como “uma ficção”, devido às “zonas de sombra” que persistem, apesar de muito já se saber desde a abertura dos arquivos da antiga polícia secreta da Alemanha de Leste (a Stasi), o elo de ligação de Car-

→

“Carlos apelou a todos os radicais, incluindo os de esquerda e ateus, que se juntassem à Al-Qaeda. Ele nunca foi um islamista, mas entendeu que os ventos estavam a mudar de direcção”
Ely Karmon, investigador no Institute for Counter-Terrorism em Israel

← los com a FPLP era Wadie Haddad. Foi ele que o recrutou para, em 1973, matar Joseph Sieff, patrão dos armazéns Marks & Spencer e presidente da Federação Sionista Britânica. Seria uma vingança pelo assassinio de Mohamed Boudia, o chefe da FPLP em Paris, cujo carro vai pelos ares logo na primeira cena - aparente retaliação da Mossad pelo massacre de atletas olímpicos israelitas em Munique, em 1972. Sieff ficou apenas ferido. A FPLP, que queria “entrar na Europa para ser respeitada, porque os europeus também entraram no Médio Oriente”, ficou desiludida com Carlos. Isso não a impediu, todavia, de o encarregar de outras acções, como fazer explodir o Banco Hapoalim, em Londres, e as instalações de três jornais, todos ligados a Israel. Também terá sido chamado a participar em dois ataques falhados com “rockets” contra aviões da companhia aérea israelita El Al, no Aeroporto de Orly, em 1975.

Charutos da reserva de Fidel Castro e uma boina como a de Che Guevara ajudaram o actor Édgar Ramírez a personificar Carlos, o Chacal

Foi precisamente em 1975, a 27 de Junho, que Carlos cometeu o crime pelo qual está agora na cadeia. Atraído por um dos contactos da FPLP e, simultaneamente, informador dos serviços secretos franceses (DST), o venezuelano matou-o, juntamente com os agentes que, desarmados, o acompanhavam. Conseguiu escapar, de novo para o Líbano, via Bruxelas, e assim começou, também, uma nova vida para o “playboy” (ou “pin up”, segundo Assayas). Uma vida de permanente fuga, disfarce e traição.

Chacal e o “Guardian”

Depois da matança em Paris, o namorado de uma ex-namorada de Carlos, Barry Woodhams, encontrou no apartamento de Londres do agora já famoso terrorista um saco de armas que entregou a um jornalista do “Guardian”, Peter Niesewand, por não confiar na polícia. Ao inspecionar o saco, o repórter viu um exemplar do livro “O Dia do Chacal”, de Frederick Forsyth, e julgou que era uma das leituras do perseguido. No dia seguinte, a primeira página do diário britânico referia-se, pela primeira vez, a “Carlos o Chacal”.

Carlos irritou-se. O livro era de Woodhams, e “Chacal” era a alcunha de um impopular chefe da polícia na Venezuela. “Custou-me ter sido uma invenção do ‘Guardian’, o jornal que eu costumava comprar todos os dias”, admitiu posteriormente, ao “Sunday Times”.

De volta a Beirute, Carlos foi encarregado do ataque à sede da OPEP em Viena, em 21 de Dezembro de 1975, uma operação que na versão longa do filme dura uma hora. Envolveu seis atiradores e resultou em 60 reféns, três dos quais foram mortos. Confrontado com a ameaça de execução de um cativo a cada 15 minutos, o Governo austríaco aceitou as exigências dos terroristas. Estes libertaram alguns

dos sequestrados, mas levaram outros 42 para fora do país, a bordo de um DC-9. Quando o avião aterrou em Argel e Carlos ouviu a proposta dos argelinos para poupar a vida do ministro saudita do petróleo, Ahmad Zaki Yamani (contrariando a missão que a FPLP lhe confiara), a sua “solidariedade com os palestinianos” logo foi trocada por 20 milhões de dólares numa conta pessoal.

Ao justificar a decisão de não acatar as ordens, Carlos disse a Haddad: “Eu sou um soldado e não um mártir. Quero manter-me um revolucionário vivo pela causa”. Haddad retorquiu: “Tu não tens causa. És a tua própria causa.” Em 1976, Carlos já não se juntaria ao Setembro Negro (um grupo da FPLP) que desviou um avião da Air France para Entebbe, no Uganda. Este ataque marcou as primeiras cisões na “entourage” do Chacal quando um dos seus companheiros, o alemão Hans-Joachim Klein, ou “Angie”, decidiu abandonar a luta armada ao ver que dos 248 passageiros só foram libertados os que não eram judeus. “Juntei-me à causa para lutar contra o sistema capitalista, não para semear o terror”, angustiou-se o apoiante da extinta organização de extrema-esquerda Baader-Meinhof. “Em Entebbe, os judeus foram separados como em Auschwitz. Anti-semitismo? Não contem mais comigo!”

Curiosidade histórica

Terminadas as ligações com a FPLP, Carlos deambulou pela Argélia, Líbia e Iémen, onde tentou fundar a Organização da Luta Armada, composta por libaneses, sírios e alemães da antiga RDA. A Stasi forneceu-lhe um escritório em Berlim com 75 funcionários, um carro particular e autorização para porte de arma em público. Esta mordomia pagava uma série de atendidos, um deles contra a Rádio Eu- →

O canto de galo e o canto de cisne

O frenesim de um corpo para chegar ao poder. E a marcha do tempo, ao som de “Dreams never end”, dos New Order. *Vasco Câmara*

Não era óbvio para um cineasta da intimidade, Olivier Assayas, um projecto que precisou de três anos de preparação, cinco meses de rodagem em Paris, Londres, Viena, Budapeste, Munique e Beirute, para chegar a duas versões, uma de cinco horas e meia (televisão), outra de duas horas e 45 minutos (para sala de cinema), com um “cast” multinacional

“Carlos representa o fim do mito revolucionário, o fim de um percurso gasto e patético das nossas ilusões perdidas” - Daniel Leconte, francês, grande repórter, produtor, 62 anos, ao “Le Monde”.

“Nasci demasiado tarde para a revolução, mas no momento certo para assistir ao seu declínio, ou pior ainda à sua reinvenção autocomplacente sob os auspícios do terrorismo internacional” - Olivier Assayas, francês, realizador, 55 anos, ao “Le Monde”

Carlos “é um pedaço de monstro, um pouco de sonhador, um pouco de idealista, um pouco de assassino, um misto disso tudo, cheio de contradições, e foi isso que o tornou interessante para mim” - Édgar Ramírez, venezuelano, actor, 34 anos, ao “New York Times”.

Foi do primeiro, Leconte, que partiu a ideia.

Que o segundo desenvolveu à sua maneira. O que não era óbvio para um cineasta da intimidade: pegar num projecto que precisou de três anos de preparação, cinco meses de rodagem em Paris, Londres, Viena, Budapeste, Munique e Beirute, para chegar a duas versões, uma de cinco horas e meia (televisão), outra de



duas horas e 45 minutos (para sala de cinema), com um “cast” multinacional que interpreta as personagens nas línguas (e são 11) em que, nas situações em que se envolveram, tinham de falar - ou seja, afastar a convenção cinematográfica para acompanhar uma globalização em movimento.

Finalmente, o encontro com um corpo, uma arrogância e um narcisismo que levou muitos a compararem Édgar Ramírez a Marlon Brando.

Vejam-se aquelas duas sequências, à primeira vista excêntricas, que pontuam um puzzle sobre o terrorismo das últimas décadas do século XX: o corpo de Ramírez nu, acariciando-se, ao espelho, “Dreams Never End”, dos New Order, na banda sonora. É o canto de galo e o canto do cisne de um terrorista. “Carlos” é um filme sobre a(s) estratégia(s) de sedução de um homem, sobre a sensualidade como arma para chegar ao topo, do mundo, das mulheres. É um filme sobre um corpo que se gasta nesse excesso, não deixando de se exibir na orgia (momento Robert deNiro para Édgar, que teve de engordar para a segunda parte do filme). É verdade que sem Ramírez, Édgar, Assayas não tornaria palpável desta forma Ramírez, Ilich. O corpo de um não era o corpo de outro... Mas o realizador diz que não inventou nada: o frenesim e a sensualidade estão na ascensão e queda de Carlos, o Chacal. Digamos, então, que aqui se encontrou um corpo para ser fiel a uma ideia - Carlos como actor embevecido pelo seu jogo, pela sua própria versão de Che Guevara, por exemplo, bóina e tudo -, mais do que para ser fiel ao “design” exacto de uma figura real.

A marcha do tempo

Para continuar numa ideia em movimento... a canção dos New Order é música de perda, de melancolia, a marcha do tempo. É o movimento inexorável, a usura, o desgaste, que Assayas filma. É esse o tema de “Carlos”. Sensação que é corpo, sobretudo,

Filme para televisão?

Sim. Filme de cinema? Sim. Para Assayas, a oposição a fazer é, antes, entre liberdade e não liberdade

na versão televisiva - na versão cinematográfica o condensado corre contra o tempo e por isso corre menos nele o tempo.

Esteve para ser um filme só com a música dos Feelies, disse Assayas ao Ípsilon (nesse dia vestia uma t-shirt com os Sonic Youth). Mas a banda dos “crazy rhythms” não quis o nome associado ao terrorismo. Pop em banda sonora de filme sobre terrorismo? Tem a ver com a hibridiz em Assayas. É um “filho” espiritual da “nouvelle vague” até nessa crença e nessa prática do cinema como coisa global, passível de cruzamentos. Num perfil que fez dele para o “New York Times”, A.O. Scott fala de alguém que começou a escrever para os “Cahiers du Cinéma”, no início dos anos 80, quando a revista saía do seu período “estalinista”, e ele chegava com “punk rock” e o gosto pelo cinema de horror americano, pelos filmes de acção de Hong Kong e, em breve, partindo à descoberta do novo cinema taiwanês. Ou seja, alguém que fez da identidade local - cineasta francês - um “link” com uma dimensão cosmopolita. A forma como aqui utiliza a base

da “co-produção” internacional em seu favor, fazendo da forma o espírito do seu filme, é notável - e é a própria matéria sensual de “Carlos”, filme em que o terrorismo se torna coisa global.

Por falar em hibridismos: “Carlos” é uma produção para o Canal+. Apresentado em 2010 em Cannes, fora de competição porque era “filme para televisão”, foi um dos êxitos dessa edição. As crónicas da altura apostavam que tivesse “Carlos” concorrido e seria a Palma de Ouro. (Ficou em várias listas dos melhores filmes do ano, inclusive em revistas americanas.)

“Tive sempre na cabeça a ideia de que faria um filme de cinco horas e meia, qualquer coisa fora de norma dos hábitos de cinema, e que não tinha outra escolha a não ser passar pelo financiamento televisivo, porque essa duração integra-se numa lógica desse meio”, disse Assayas ao Ípsilon. “Ou seja, servi-me da televisão para fazer um filme, e dei-me conta, no meio do processo, de que há mais pessoas dispostas a ficarem na sala para ver essa versão de cinco horas e meia. E que isso correspondia a uma experiência de cinema satisfatória. Mas enquanto fazia o filme não ousava esperar isso. Por isso pensei sempre em reduzir para o tornar espectáculo aceitável para distribuição em sala” - diferença assinalável entre as versões: desaparece na versão mais curta toda a relação entre Carlos e a activista de extrema-esquerda da Alemanha do Leste, e mãe da sua filha, Magdalena Kopp.

Filme para televisão? Sim. Filme de cinema? Sim. Para Assayas, a oposição a fazer é, antes, entre liberdade e não liberdade. “Quando há liberdade faz-se cinema; quando não se tem liberdade faz-se televisão. A sorte que tive foi a

cumplicidade dos responsáveis do Canal+, que me deram essa liberdade que imaginava impossível. A única razão por que fiz ‘Carlos’ foi porque tive a sorte de encontrar face a mim gente disposta a dar-me essa liberdade.”

Ver crítica de filmes pág. 43e segs.

“Carlos” é um filme sobre um corpo que se gasta no excesso de narcisismo



← ropa Livre, em Munique. (Fevereiro de 1981). Também vendeu os seus serviços ao ditador Ceausescu em Bucareste, que o encarregou de assassinar dissidentes romenos em França, e aos húngaros, que o deixaram viver num luxuoso bairro de Budapeste.

Em 1982, já casado com Magdalena Kopp, fotógrafa e activista alemã, Carlos levou a cabo “uma guerra privada” (incluindo a explosão de dois comboios) para forçar a libertação daquela que ela tratava por “minha vaca” (conta a própria na autobiografia, “The Terror Years”), quando as autoridades francesas a detiveram, num carro cheio de explosivos. Carlos e Kopp tiveram uma filha, hoje com 25 anos, mas o casamento falhou. Ela não suportava uma vida de quase prisioneira, enquanto ele se divertia com outras mulheres, seduzindo-as, como era seu hábito com, revólveres e granadas, armas que ele considerava “extensões do corpo”.

Foi em Damasco, em 1989, que Carlos ficou a saber da queda do Muro de Berlim. Os anfitriões informaram-no: “Já não há um bloco socialista. O mundo mudou e a Síria quer encontrar o seu lugar na nova ordem mundial. Vocês tornaram-se demasiado visíveis e perigosos. Têm uma semana para deixar o país, depois não garantiremos mais a vossa segurança.” Um dos amigos de Carlos reconheceu: “Somos uma curiosidade histórica. A guerra acabou e nós perdemos.”

Da Síria, Carlos e a sua nova namorada, uma jovem estudante jordana, seguiram para o Sudão, na altura sob o domínio de Hassan Turabi, líder islamista protegido pelo Irão. O facto de o país ser governado por um regime fundamentalista religioso não o impediu de continuar a dar festas extravagantes, com muito álcool e sexo. Mas o cerco apertava-se. A CIA descobriu o paradeiro do fugitivo e, não tendo ele agído contra alvos americanos, entregou-o aos franceses.

Quanto é que o Sudão recebeu para que o seu hóspede indesejado fosse retirado abruptamente de uma cama de hospital em Cartum para uma prisão em França, em 1994? “Há muita coisa ainda por esclarecer”, diz-nos por telefone, Ely Karmon, conselheiro de segurança do ministro da Defesa de Israel e investigador em duas instituições de elite, o Institute for Counter-Terrorism e o Institute for Policy and Strategy no Interdisciplinary Center, em Herzliya. “Certo é que o Sudão estava a ser muito pressionado, não só por acolher Carlos mas também Osama bin Laden que, naquela altura, já ali treinava milhares de jihadistas para a sua guerra global. O fim de Carlos foi como que o princípio de Bin Laden”.

O excluído e o herói

“A grande diferença entre Carlos e Bin Laden é que o primeiro era, acima de tudo, um mercenário”, observou Ely Karmon. “Não era líder de nenhuma organização ou movimento. Os terroristas que se juntaram a ele também eram mercenários. Diziam que lutavam pela causa palestiniana, mas serviam sobretudo Estados. Bin Laden, pelo contrário, era o líder da Al-Qaeda, uma união de islamistas, um herói para muitos muçulmanos que lhe reconheciam eficiência e legitimidade.”

A opinião do norte-americano C. Augustus “Gus” Martin, académico na California State University e autor da obra de referência “The Encyclopedia of Terrorism”, não é muito diferente da do israelita Karmon. “Carlos era uma personalidade excêntrica que adorava a atenção política e dos ‘media’. Embora cuidadoso em fugir às agências de segurança, usou a sua reputação de revolucionário clandestino para projectar uma imagem interna-



cional de solidariedade revolucionária”, disse Gus Martin ao Ípsilon, por “e-mail”. Bin Laden, por seu lado, “projectava-se como o rosto da resistência internacional para a sua causa e, ao contrário de Carlos, fê-lo como um organizador empenhado e comandante de um movimento revolucionário na clandestinidade. A personalidade e imagem de Bin Laden foram forjadas no campo de batalha, primeiro contra os soviéticos e depois contra os EUA e a NATO, enquanto as de Carlos eram o produto de uma escolha ideológica - esta é a diferença entre um símbolo da resistência nacionalista marxista (Carlos) e um símbolo da ‘jihad’ internacional (Bin Laden).”

Ideologicamente, adianta o académico, Carlos e Bin Laden “acreditavam que representavam a vanguarda de movimentos transnacionais que iriam mudar de forma indelével os equilíbrios de poderes mundiais - Carlos era um revolucionário internacionalista que se aliou a outros marxistas ocidentais e palestinianos nacionalistas que lutavam em nome dos ‘oprimidos do povo’. Bin Laden organizou e comandou uma rede com o objectivo de impor a vontade de Deus aos governos no mundo islâmico. Os dois homens estavam convencidos de que a corrente da História estava do seu lado.”

Em termos táticos, Carlos era “um revolucionário de coligações”, porque colaborava com “terroristas ideológicos como a Fracção do Exército Vermelho [na Alemanha] assim como

com terroristas nacionalistas, como

os da FPLP. Bin Laden não fazia coligações. Era um purista religioso que só colaborava com islamistas que partilhassem as suas ideias e as da Al-Qaeda. O seu tipo de fundamentalismo era exclusivo e chauvinista.”

Inquirido sobre o tempo que demorou a encontrar estes dois maiores terroristas, Gus Martin lembra que Carlos, mercenário a contrato, e Bin Laden, um milionário que esbanjava dinheiro, operavam em ambientes que os protegiam. “Os seus apoiantes criaram redes insulares e ocultas que lhes permitiam desaparecer dos radares. Carlos viveu entre camaradas marxistas durante o período histórico do confronto ideológico com o Ocidente e a revolução nacionalista num mundo em desenvolvimento. Bin Laden também beneficiava da solidariedade da internacional jihadista. Ambos podiam estar imersos nesses ambientes durante muitos anos.”

O ambiente protector de Carlos, acrescentou Martin, “desvaneceu-se quando as tensões ideológicas entre o Ocidente e o Leste desapareceram - o seu tipo de revolução só podia sobreviver enquanto os seus simpatizantes ocidentais fossem capazes de operar nos seus países respectivos (como a Itália e a Alemanha) e enquanto os seus aliados nacionalistas, como a FPLP, continuassem a ser viáveis na cena internacional. Infelizmente, para Carlos, os revolucionários ocidentais foram derrotados por forças de segurança

internas, e a FPLP perdeu credibilidade

e força devido ao processo de paz entre

Israel e a Fatah, e também devido à

emergência de movimentos palestinianos religiosos, como o Hamas.”

“É possível que, com a morte de Bin

Laden e a Primavera Árabe, o movimento

jihadista internacional se encontre agora

numa encruzilhada”, conclui Martin. “Nem

Bin Laden nem a Al-Qaeda previram que os

seus piores inimigos - os governos autoritários

do Médio Oriente - seriam desafiados por

sublevações populares. É uma possibilidade

remota, a de, no longo prazo, a Primavera

Árabe conduzir ao eclipse da Al-Qaeda. No

entanto, o movimento jihadista internacional

ainda é uma ameaça potente à estabilidade

global.”

Ely Karmon concorda: “Politicamente, a

Al-Qade foi derrotada, mas o terrorismo

não acabou, e o nosso mundo

continua muito instável. Basta olhar para o

Paquistão [potência nuclear] que tem partes

do seu território sob controlo dos taliban e

dos jihadistas.”

Carlos, notou o investigador israelita, percebeu

a importância de Bin Laden quando, na prisão, se

converteu à religião de Maomé: “Espanta-me

que a autobiografia dele, ‘Islão Revolucionário’, só

tenha sido publicada em francês, porque é um

livro muito importante, no qual apela a todos os

radicais, incluindo os de esquerda e ateus, que se

juntem à Al-Qaeda. Carlos nunca foi um

islamista [na Síria, Hafez al-Assad contratou-o para

matar dirigentes da Irmandade Muçulmana, e

isso vê-se no filme], mas entendeu muito

rapidamente que os ventos estavam a mudar de

direcção.”

Numa entrevista ao jornal pan-árabe “Al-Hayat”, o

Chacal exprimiu “orgulho” pelas acções

orquestradas pelo chefe da Al-Qaeda, em

particular os ataques de 11 de Setembro de

2001 nos EUA: “Segui os acontecimentos, sem

interrupção, desde o início. Não consigo

descrever o meu maravilhoso sentimento de

alívio.” Em 2007, porém, em declarações ao

“Sunday Times”, havia criticado os seguidores

do “‘Sheikh’ Osama” como “amadores não

organizados, sem alvos específicos, incapazes

de os fazer detonar.”

“Não sou sádico nem masoquista - não gosto

do sofrimento dos outros”, adiantou depois dos

atentados de Londres, a cidade onde viveu. “Quando

tínhamos de eliminar

alguém, era de uma maneira

fria, simples e com o mínimo de dor

possível.”

Em Maio último, quando a CIA

executou o “inimigo número um da América”,

próximo de Islamabad, Carlos emitiu um

comunicado: “Osama bin Laden é um mártir

que ganhou um lugar na História; será

lembrado durante 100 anos, mas ninguém se

recordará de Barack Obama”.

Por que foi do interesse da França

prender e julgar Carlos e os EUA optaram

por matar Bin Laden? “Carlos já não tinha a

protecção nem a admiração de ninguém”,

respondeu Ely Karmon. “Bin Laden, pelo

contrário, contava com o apoio dos taliban no

Afeganistão, das tribos e, possivelmente, de

uma parte do aparelho de segurança

paquistanês. A sua prisão seria um

imbróglio jurídico na América. Seria

julgado num tribunal militar ou civil? Iria

para Guantánamo? Não haveria o risco de

tomada de reféns para exigir a libertação

de um mártir? Ainda hoje, no Japão, o

autor de um atentado com gás sarin no

metro de Tóquio, preso e três vezes

condenado à morte, continua a atrair

seguidores.”

Morte não era certamente o que

Carlos desejava para si, e deixou isso

bem claro numa rara entrevista que

deu ainda no seu tempo de fugitivo e a

qual é reproduzida no filme de Olivier

Assayas: “Eu amo a vida e, por isso, gosto

de a viver plenamente. Para mim, como

para qualquer soldado, não há amanhã.”

Carlos e Bin Laden: descubra as diferenças

Carlos já não tinha protecção, financiamento nem seguidores quando, em 1989, o Muro de Berlim ruiu. Em 1994, quando foi capturado no Sudão, Osama bin Laden já aqui treinava milhares de terroristas para uma “jihad” global. O fim de Carlos foi o princípio do milionário da Al-Qaeda, protegido pelos taliban afegãos e tribos paquistanesas, venerado como herói.

Carlos era, acima de tudo, um mercenário e os terroristas que se juntaram a ele também eram mercenários. Diziam que lutavam pela causa palestiniana, mas serviam sobretudo Estados. Bin Laden, pelo contrário, era o líder da Al-Qaeda, uma confederação de islamistas, um símbolo para muitos muçulmanos que lhe reconheciam eficiência e legitimidade.

A personalidade e imagem de Bin Laden foram forjadas no campo de batalha, primeiro contra os soviéticos e depois contra os EUA e a NATO, enquanto as de Carlos eram o produto de uma escolha ideológica.

Carlos era um revolucionário internacionalista que se aliou a outros marxistas ocidentais e a palestinianos nacionalistas que lutavam em nome dos “oprimidos do povo”. Bin Laden organizou e comandou uma rede com o objectivo de impor a vontade de Deus aos governos no mundo islâmico.

Carlos era “um revolucionário de coligações”, que se aliou a “terroristas ideológicos”, como a Fracção do Exército Vermelho, na Alemanha, e a nacionalistas palestinianos. Bin Laden era um purista religioso que só colaborava com islamistas que partilhassem as suas ideias e as da Al-Qaeda. O seu tipo de fundamentalismo era exclusivo e chauvinista.

